

Editorial CDHIS

É com grande satisfação que lançamos mais uma edição dos Cadernos de Pesquisa do CDHIS, dessa vez trazendo o dossiê “Epistemologia indígenas e ensino de História”. Primeiramente, gostaríamos de agradecer imensamente o trabalho das organizadoras deste volume, as professoras Patrícia Emanuelle Nascimento e Luciana Leite da Silva.

Sem dúvida, a promulgação da lei nº 11.645 de março de 2008, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígenas no ensino básico brasileiro, significou um novo e importante momento na produção de conhecimento histórico acerca das nações indígenas no Brasil.

De fato, tal política tem refletido em diferentes abordagens acerca da história indígena no país, cada vez mais distantes de estereótipos firmados durante séculos, cuja desconstrução configura-se em tarefa complexa e necessária à promoção da democracia e da igualdade no país. Da mesma forma, possibilitou-se a conformação de um campo acadêmico cada vez mais significativo de profissionais da historiografia que se debruçam sobre este rico campo, antes praticamente restrito aos estudos antropológicos. Importante destacar, ainda, as políticas de criação e fomento às escolas indígenas, com suas especificidades, tanto na formação de professores quanto de jovens estudantes.

Populações originárias que permeiam a história, o imaginário, a economia, a política e a cultura desde a chegada dos europeus nessas terras, as nações indígenas, em sua heterogeneidade apagada por discursos

generalizantes, vivenciaram múltiplos processos históricos que o leitor poderá apreciar um pouco nos artigos que seguem.

Importante mencionar a existência, atualmente, de uma visão de mundo crítica e essencialmente fundamentada na sabedoria de determinadas nações indígenas, especialmente segundo os apontamentos de Ailton Krenak, por exemplo. Em tempos de aquecimento global, de consumismo extremo em uma sociedade marcada pela generalização de sofrimentos mentais ligados à depressão, ao *burnout*, síndrome do pânico e outras psicopatias desencadeadas nesses tempos neoliberais, Krenak nos convida a repensarmos estruturalmente o mundo do capitalismo contemporâneo. Apresenta-nos uma possibilidade de existência mais conectada com o mundo em que vivemos e menos com o mundo que criamos a partir dos desejos e mitos de sucesso empresarial e consumismo exacerbado.

A existência e permanência dessa sabedoria revela as potências indígenas em suas resistências seculares em não se deixar dominarem completamente pelas filosofias e visões de mundo ocidentais e eurocêntricas, fundamentadas em um individualismo da competição e na ilusão da inesgotabilidade dos recursos naturais. Tal visão de mundo revelou-se completamente equivocada e fracassada, apesar de ainda reger o mundo contemporâneo. Sem dúvida, a superação de tal estado de coisas terá, necessariamente, de passar pelo reconhecimento, valorização e aprendizagem das sabedorias indígenas que agora se constituem como manancial de reformulação e modificação da vida comum a fim de sobrevivermos enquanto espécie.

Boa leitura!

Thiago Lenine Tito Tolentino

*Coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) do
Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia*